

POR TANTOS SÉCULOS QUE O AMOR RESULTOU INSOLÚVEL

Danilo Gomes

«Tudo em ti era uma ausência que se demorava:
uma despedida pronta a cumprir-se.»

(Cecília Meireles)

Lembram-se de Ângela Manarim ?

Aquela que morava na Rua Uruguai, aquela que tinha um tio apoplético, que morria quase todas as noites. No dia em que fomos ao Cine Jacques ver «O Fim de Simone Saint-Cyr» deixou-se beijar pela primeira vez — sempre teria na boca aquele gosto de hortelã. Gostava de Chico Buarque. Usava baton com cores de nostalgia. Fomos a Ouro Preto, dormimos em Diamantina, jantamos sete vezes no Bar do Quincas, por causa daquela insuperável dobradinha com feijão branco e vinho tinto. Curtia sempre uma fossa imensurável por não sei o quê (quando resolvia me dizer estávamos sempre mais ou menos bêbados). Usava muito uma bolsa dessas da moda, pintada com margaridas. Tinha olhos azuis como os céus de Botticelli, conversava com borboletas e tinha todos os discos de Herb Alpert. Adorava revistas de **underground**, vivia sonhando com um sábado de sol e piquenique num prado verde. Entre crianças, alegre como um balão colorido, mas à noite era aquela fossa abissal, aquele procurar não sei o quê não sei onde. Me achava «um sujeito legal», muito «paz e amor», como se eu tivesse apenas 20 anos e não o dobro. Às vezes usava roupa de índia apache e outras vezes um cabelo **black-power** que não lhe ficava mal — parecia

a Jane Fonda de certas fotografias. Muito franca, muito avançada. Se lesse Kierkegaard, não me surpreenderia. Um dia me disse que se tivesse de se casar, talvez se casasse comigo — e ria misteriosamente, com seus dentes perfeitos e seu ar de quem pode estar brincando ou falando sério — talvez estivesse dizendo a verdade.

Mas não era Ângela Manarim quem eu queria.

Lembram-se de Rita Aires ?

Aquela ruiva de olhos verdes, meio estrábica, aquela que estudava Arquitetura. Uma decoradora que se poderia dizer de «fino gosto», se «fino gosto» ainda fosse uma expressão aceita com dignidade nos dias que correm. Pois era uma moça assim: sabia adequar um Inimá a uma parede, um J.B. Miranda a outro ambiente puxado ao colonial; sabia que estatueta ficaria bem numa biblioteca: se de Dom Quixote com sua lança de investir moinhos ou se de um cavalo negro com patas dianteiras suspensas de espanto.

Nunca seria uma arquiteta de projetar casas, mas tinha um senso especial para decoração de interiores: o pilão num certo ponto, os crisântemos artificiais numa certa mesa, um vaso inca numa sala alegre, o indicado papel de paredes com motivos marinhos — veleiros, conchas, lemes, bússolas, o **mappa-mundi** renascentista.

Foi no sítio de seu avô que descobri que me amava — à beira de uma lagoa, fingindo pescar. Mas no fundo me queria como um objeto decorativo em seu coração de decoradora, talvez porque naquele tempo eu usasse um bigode mafioso e ela sempre gostou de canções italianas. Na verdade, um dia me disse, à saída de uma lanchonete na Rua Espírito Santo: «Esse seu bigode mafioso está muito bacana, fica bem num ambiente de nostalgia, numa sala de 1927, por exemplo». Muitas vezes nos encontramos. Tinha um olho de cetim verde, um olho brilhante como espelho e aquele leve estrabismo que ficava bem na decoração de seu rosto. Morava numa casa com alpendre no Bairro da Floresta e me dava beliscões sempre que eu olhava para outra mulher — era uma ciumenta de marca maior.

Mas não era Rita Aires quem eu queria.

Lembram-se de Marta Celeste ?

Aquela que tocava piano, uma moça de romance antigo, criada com a avó que a obrigava a estudar francês, ser muito recatada e usar chapéu nas grandes solenidades, até que o chapéu ficasse de uma vez por todas, infelizmente, fora de moda como as anáguas e os gramofones. Estudou em colégio de freiras, gostava de teatro e cantigas de ciranda e ia a todos os velórios com a avó. Nunca um beijo, nunca uma confidência de fim de noite. O que a salvava era aquele ar de princesa prisioneira, de donzela encarcerada, de pianista de chuvosas tardes entre cortinas antigas de tafetá, tocando Ravel e Eduardo Souto, Chopin e Debussy. A sala da avó tinha castiçais de prata, toalhas de renda e até porta-casacos, imaginem só, porta-casacos, como se algum Barão do Império fosse de repente chegar («Boa noite, Senhor Barão, vamos entrar, Senhor Barão!») e pendurar ali o seu solene casaco para uma noite de minuetes e sisudas conversas sobre o Gabinete Saraiva, a Questão dos Bispos ou a Lei do Ventre Livre. Marta Celeste: sempre que insinuava me amar, ficava vermelha como um morango — uma doçura de contemplar, só faltava colocar *chantilly* em cima e comer.

Está bem, está bem, não nego que gostava daquela figura de daguerreótipo, daquele rosto de porcelana de Sèvres, daquele ar de moça antiga esperando o tilburi para o baile, daquele jeito de dama com leque e rosa, parada em 1882. Está bem, não nego.

Mas não era Marta Celeste quem eu queria.

Lembram-se de Elvira Sena Bernardes ?

Aquela que conheci em Pouso Alegre, em 1972, aquela que estava escrevendo um ensaio sobre Lamartine. Tinha a boca de Leslie Caron, uma bela boca de carambola — lembram-se da boca de Leslie Caron ? Era intelectual, mas não usava óculos, não tinha espinhas no rosto, nem andava com qualquer livro de literatura debaixo do braço — nunca a encontrei numa biblioteca. Usava uma figa de Guiné no pescoço e um pequeno pato de plástico na bolsa, pois uma cigana velha uma vez lhe disse que lhe dariam sorte — e acreditava em certas ciganas velhas. Seu signo era Gêmeos, sua cor o rubi, seu dia de sorte a quarta-feira, seu número o 6, seu ambiente a planície, seu astro Sa-

turno. Era muito discreta, até para amar: muito sóbria, nenhum suspiro, nem mesmo no dia em que, bem, mas isso não vem ao caso. Para dizer que me amava, levou mais de dois meses de encontros constantes. Tinha um irmão que estudava química industrial na Alemanha e lhe mandava cartões postais todos os meses (quando voltasse, seria aqui o que se pode chamar um «mestre cervejeiro», à falta de melhor denominação em nossa língua). Quando a deixei, estava focalizando o Lamartine político e já tinha umas 20 folhas datilografadas. Foi um amor de ano e meio. Uma moça muito sóbria, muito interessante (tudo começou porque gostava de colecionar selos, como eu, e um dia lhe dei um raro, de Gibraltar, em casa de um amigo comum). Poderia escrever um livro sobre ela. Talvez desse certo nosso caso, às vezes penso que se a gente, bem, mas, na verdade, não era Elvira Sena Bernardes quem eu queria.

Lembram-se de Lia Liandra ?

Sim, Lia Liandra, aquela que morava num pensionato de Irmãs Concepcionistas. Sim, aquela que só usava esmalte vermelho e tinha um Corcel azul. Quantas vezes ficávamos sentados naqueles bancos da Praça Vereador Jordão, que agora foram retirados. Havia luas e um perfume de flores que a penumbra escondia. Era uma praça sossegada, até aos sábados. Foi um caso que começou em janeiro e terminou no outro janeiro. Foi no Dia de Reis que tudo acabou — ou antes, na Noite de Reis. O noivo, que morava em São Paulo, e que deveria voltar no dia 6 de manhã, resolveu ficar mais uma noite e, chegando no seu Maverick amarelo... não pude fazer nada, na verdade não ia mesmo dar certo. Naquela noite estávamos saindo da porta do Pensionato das Irmãs Concepcionistas e ela só teve tempo de se certificar da placa e dizer um «oh!» tão assustado que pensei que fosse desmaiar. Não ia mesmo dar certo, nem chegaria ao Carnaval. Na verdade, não era Lia Liandra quem eu queria.

Lembram-se de uma mulher como um domingo de manhã ?

Aquela que nunca me viu. Aquela que devia ter uma boca de deusa celta ou princesa dos visigodos. Aquela que devia ter os olhos cor de malva clara. Aquela que como flutuava, quando andava no parque domingo de manhã, com um

vestido branco vaporoso, um chapéu branco, grande e leve e um buquê de margaridas, como nos filmes. Aquela cujo rosto só vislumbrei uma vez, de perfil, virando a alameda de acácias. Aquela que nunca me viu e certamente nunca verá. Aquela que deve ter-se casado pouco tempo depois com um engenheiro rodoviário que a levou para a Transamazônica. Aquela que hoje já deve ter dois filhos pequenos e três quilos a mais e um certo ar de cansaço. Aquela que nunca mais verei.

Mas não era, ainda, aquela mulher como um domingo de manhã quem eu queria.

Queria a mulher cujo nome está escrito ao lado do meu no nosso Livro dos Destinos, que uma sacerdotisa romana guardou num templo silencioso de um horto cheio de sombras, onde ficou por tantos séculos que as letras se embaralharam e o amor resultou insolúvel. Aquela que tinha uns olhos de pedra rara quando o sol bate às três da tarde ou uma lâmpada incide às nove da noite. Aquela que uma noite ficou de repente tão misteriosamente pensativa, me olhando, surpresa, no fundo dos olhos, como se também descobrisse que as letras se embaralharam no nosso livro dos Destinos e o amor resultara insolúvel.

Sim, aquela que tinha a Chave e não pôde usá-la. Sim, aquela que, sendo a Linha Paralela, se desencontrara da outra, ludibriada pelo descontrolo dos ponteiros do Relógio do Tempo. Aquela que era em potencial a Glosa do Mote, o último terceto do soneto perfeito, o bálsamo da chaga sempre aberta. Sim, aquela que uma noite encontrei numa tardia esquina e na mesma tardia esquina perdi, como se perde um trem que nunca mais torna a passar.